Conselho das Comunidades Portuguesas do Ontário e Manitoba

Conselho Local da área de Toronto

• ELEITO O EXECUTIVO •

No domingo, relizaram-se eleições para o Conselho Local da área de Toronto do Conselho Regional Central das Comunidades Portuguesas do Ontário e Manitoba. A reunião, que foi presidida pelo delegado do Conselho das Comunidades, Fernando Cruz Gomes, decorreu no Lusitânia Sport Clube. Presentes várias associações e clubes, num total de 27 votos possíveis.

No final dos trabalhos, a eleição deu o seguinte resultado: Membros efectivos, César Morais, Maria da Rosa Luz, Carlos Mendes e António Jorge. Membros suplentes: Eduardo de Sousa, Carlos João, Ivo de Sousa e Leonardo Pereira.

No final dos trabalhos, Fernando Cruz Gomes enalteceu a presença de várias senhoras (o que é salutar), observou a boa colaboração que tem sido recebida do Consulado-Geral e fez resenha dos trabalhos do Conselho das Comunidades Portuguesas, na sua primeira reuniao anual, em Lisboa.

Viagens a Lisboa para casais idosos

O Consulado Geral de Portugal em Toronto comunica que, no dia 29 de Junho corrente, às 6 horas da tarde, nas suas instalações (159 Bay St.) se procederá ao sorteio de 6 bilhetes de ida e volta a Portugal oferecidos pela Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, no âmbito da «Operação Recordar» 1981. Os bilhetes serão sorteados entre as pessoas nascidas em território português e residentes no Canadá, com idade superior a 60 anos, que há mais de 10 anos não tenham podido visitar Portugal, que nunca tinham sido repatriados e que tencionem regressar ao Canadá.

Em princípio, 4 bilhetes serão atribuídos a 2 casais e os dois bilhetes restantes serão atribuídos a pessoas individuais.

No caso dos casais basta que um dos cônjuges seja maior de 60 anos, sendo no entanto necessário que o outro tenha uma idade aproximada.

As inscrições estão abertas no Consulado Geral onde os interessados se poderão dirigir, munidos de um documento de identidade, até ao dia 28 do corrente.

Os meios de comunicação social da Comunidade Portuguesa são cordialmente convidados a assistir ao acto do sorteio na Chancelaria Consular no dia 29, podendo no entanto assistir também todas as pessoas que o desejarem.

Mário Raposo

Poeira dos tempos

Patuleia

Há dias, quando escrevi acerca da Maria da Fonte, embora sem compromisso ou promessa formal, deixei antever que voltaria ao assunto, para relatar também a Patuleia.

Com a mesma origem num clima de desagrado geral, fruto de erros políticos, de classes privilegiadas e de favoritismo por um lado e repressões demasiadas por outro, a Patoleia, em relação à Maria da Fonte, é a versão já organizada do protesto, que a completa.

Vivia-se numa época de execução de um plano revolucionário para a liberalização das monarquias e foi fácil aos políticos, aproveitarem o descontentamento generalizado contra o poder constituido e mobilizarem as boas vontades e o entusiasmo que já existia em Portugal pelas novas ideias. Embora o facto não tenha muita importância, alguns historiadores portugueses não estão de acordo quanto à origem do nome Patuleia.

Enquanto, por exemplo, Oliveira Marques, o considera um vocábulo derivado da expressão «pata ao léu», José Hermano Saraiva é de opinião que vem da palavra espanhhola «patulea», que significa «tropa fandanga», nome que na gíria política da época, usavam para designar as tropas do governo.

Qualquer que tenha sido a origem do termo, a verdade é que foi pelo nome de guerra da Patuleia, que ficou conhecida a revolução de 1848, em Portugal.

Na opinião dos referidos historiadores, a Patuleia constituiu uma segunda fase da revolução da Maria da Fonte, embora com características diferentes. Enquanto que a primeira, que durou apenas um mês, não passou de uma revolta popular contra a opressão demasiada dos impostos, sem qualuqer plano prévio de reforma governativa, a Patuleia durou cerca de oito meses, deu origem à formação de um governo revolucionário e reuniu forças políticas que, embora contraditórias, tinham o objectivo comum de derrubar o poder constituído. Além disso, teve a característica pouco vulgar de se terem criado diversas juntas governativas locais, que se recusavam a obedecer, quer ao governo da rainha, quer ao da revolução.

Na presença de tal situação, é fácil perceber a desorientação política em que o país se encontrava.

Para melhor compreensão da Patuleia, convém retroceder um pouco no tempo e analizar os acontecimentos que lhe deram origem e que política defendiam os cartistas e os setembristas.

Se bem que as primeiras manifestações do liberalismo em Portugal, tivessem o seu início em 1808, só em Agosto de 1820, deflagrou no Porto, o primeiro movimento liberal, que a reacção venceu, retomando o poder três anos depois.

A Carta Constitucional autorgada por D. Pedro IV em 1826, deu origem ao partido político denominado «Cartismo», que pretendia passar do absolutismo ao liberalismo, mas salvaguardando a autoridade régia.

Mais tarde, guerra civil de 1832 a 1834, estabeleceu novamente o regime liberal em Portugal, mas em Setembro de 1836, rebentou nova revolução, que, por esse facto, ficou conhecida pelo nome de «Setembrista» e que teve como objectivo estabelecer um regime mais democrático, em que se fizessem também ouvir as classes sociais mais humildes.

*

Depois da demissão de Costa Cabral, que pôs termo à revolta da Maria da Fonte, o duque de Palmela foi encarregado por D. Maria, de formar novo ministério.

Reuniu Cartistas e Setembristas moderados, mas não conseguiu governar por muito tempo, em virtude do desagrado geral que provocou e da forte oposição dos absolutistas e cabralistas.

Em Outubro de 1846, cerca de cinco meses depois de iniciar o seu mandato, foi obrigado a demitir-se, tendo sido nomeado para formar novo governo, o duque de Saldanha, militar de grande prestígio, mas político muito controverso, por haver já apoiado todos os partidos políticos existentes na época.

O governo de força que instituiu, deu o sinal da partida.

Logo que no Porto se soube da notícia, o povo revoltou-se por instigação de José Passos, que era Presidente da Câmara.

Formou-se uma Junta Provisória do Governo Supremo do Reino, presidida pelo general Francisco Xavier da Silva Pereira e começaram a mobilizar-se batalhões de voluntários dos setembristas, logo seguidos pelos miguelistas que se lhes juntaram embora pouco tempo depois tivessem passado a combater ao lado dos Patuleias.

A guerra havia alastrado por todo o país. Tinham morrido milhares de soldados de ambas as partes e o governo de Lisboa perdera já todo o controle político, quando se deu a intervenção estrangeira.

Em 1834, Portugal tinha assinado o tratado da Quádrupla Aliança, com a Espanha, França e Inglaterra, que permitia aos aliados, tornarem-se seus protectores nas lutas internas contra o absolutismo de S. Miguel.

Assim, a Espanha, a quem o duque de Saldanha havia pedido auxílio, receando também revoltas internas provocadas pela repercussão da portuguesa, aproveitou como pretexto a actuação dos miguelistas e invadiu Portugal com um exército que entrou pelo norte, aprisionando as tropas revoltosas já muito enfraquecidas e um tanto desorganizadas.

Por sua vez, a Inglaterra, também a pedido do duque de Saldanha, estabeleceu um bloqueio à costa portuguesa, tendo aprisionado quatro mil soldados que o governo revolucionário tinha enviado por via marítima, para tomar Lisboa.

Com a intervenção estrangeira, a revolução foi prontamente sufocada e, a 24 de Junho de 1847, assinada a Convenção de Gramido, que obteve dos insurrectos a rendição, em troca da garantia de uma amnistia geral.

No entretanto, as perseguições políticas continuaram, com prisões e espancamentos, até que, quatro anos mais tarde, criadas novamente as condições de revolta, rebentou outra revolução, chefiada desta vez pelo próprio duque de Saldanha, que deu início ao movimento regenerador.

Tiro ao alvo

Carlo Miguel
Fernando Jorge
A. Cunha

Isto, aqui, em casa, começa a ser uma «pepineira». Agora, apareceu mais um tipo que, pelo ar que assume, parece ser alguma *coisa* ao chefe. Veio de Ottawa e por vir da capital pensa que já é *alguém*. Depois, é alto como uma torre, a fazer inveja pelo menos a um de nós, que é baixinho quase como um anão. Tem um ar assim a modos que mandão, o que nos faz convencer de que o tal chefe lhe pôs a mão por cima, por este ou aquele motivo... Ainda não começou a mandar, mas se o fizer, bem pode ir mandar a outro lado... porque nós vamos embora. Ou cavar coves, ou então *pentear macacos*, que — dizem e nós acreditamos... — é uma belíssima profissão. Claro, que também podemos organizar-nos e fazer outro Jornal português. Mais jovem. Mais remoçado. Mais virado ao futuro...

Sim, porque se tantos e tantos querem fazer *mais* um Jornal, nós também o podemos fazer. E tudo uma questão de oportunidade. Jornalistas somos nós e se outros, que de jornais só lhe sabem o nome, os podem fazer — ou dizer que fazem... — nós também...

Vamos a ver como o tal *altuças* se porta. Para, depois, agirmos em conformidade!

O FIRST EMPATOU, MAS LEO NÃO JOGOU... — O nosso querido First foi até Bradford. E jogou contra o Marshianders. Jogou e empatou. Contràriamente ao que chegou a consiar, Leonardo — um dos homens fortes do nosso First e que está em todas... — não jogou ainda. Talvez por isso, a equipa representativa dos portugueses empatou, creio que a 1 bola (se quizer saber, veja Desporto, feito por essa passarão chamado Lacerda, que ele é que tem a mania que sabe de Desporto...).

«NASCEU» UM NOVO LOCUTOR — O reduzido «mundo» dos locutores profissionais — tão reduzido que os seus elementos se contam pelos dedos de uma só mão — ficou agora mais rico. Carlos Silva, o dinâmico homem de negócios, agente de seguros, dirigente desportivo, portista invicto, etc., lembrou-se que tinha sido locutor há trinta e tal anos... e foi fazer uma *perninha* na apresentação do espectáculo de Miss Tansmontano. A nota que lhe damos? De momento ainda não decidimos...

BOMBEIROS E TUDO... — Estávamos nós a trabalhar muito *quentinhos*... quando, no domingo último, ouvimos sirenes de bombeiros, apitos de carros, etc. E isto mesmo frente a nós, nas nossas barbas (salvo seja). Máquina fotográfica engatilhada, vá de procurar onde havia fogo... Debalde. Fogo não havia. E que, aqui mesmo ao lado, um determinado *sujeitinho* — ao que parece chamado Mário, que até é amigo do chefe — esquecera-se dentro de casa da chave da dita. Prèviamente pedira-nos um escadote, que não tínhamos... Vá, então, de chamar os bombeiros que vieram pressurosos, com armas e bagagens, como soe dizer-se. Resultado: lá abriram a porta. Mas... dizem-nos que lhe vão mandar uma conta calada de 500 dólares. Quando nos disseram isso, rimo-nos muito... mas houve quem não achasse piada.

SEM TELEFONES E... TUDO — «Mundo» esteve sem receber chamadas telefónicas, sexta, sábado, domingo e segunda. Telefonemas sucessivos para as *gentilíssimas* funcionárias da Bell Canada e...*moita carrasco*. Ontem, a meio da manhã, o *nosso sargento* — é a secretária do chefe, lembram-se?! — decidiu reparar a avaria. E vá de mexer em tudo. Conseguiu? Certamente que sim. Se assim não fosse, ainda hoje estávamos sem receber chamadas. Manda a verdade que se diga... que a avaria era *nada*. Era um fio fora do lugar... De qualquer modo, foi muito felicitada a nossa *sargento*, sobretudo pelos vizinhos da Premore...

CONTA PAGA... — A conta do «Asas do Atlântico» já está paga. Custou mas foi... Tinha, segundo as nossas estatísticas, 176 dias e meio...

* * *

Para a semana há mais. Ciao!